

A EUROPEIZAÇÃO DA INDUMENTÁRIA BRASILEIRA RETRATADA POR JEAN-BAPTISTE DEBRET¹

The Europeanization of brazilian clothing portraited by Jean-Baptiste Debret

Edvik, Elton; Bacharel em Artes Visuais – Habilitação: Figurino e Indumentária
pela Faculdade SENAI CETIQT, eltonedvik@yahoo.com.br

Sousa, Luciana Barbosa de; Mestre em Design; PUC Rio,
lucianabdesousa@gmail.com

Resumo: Este estudo pretende refletir sobre a construção da aparência vestida de um indivíduo considerado civilizado no Brasil do início dos oitocentos, a partir das aquarelas do pintor Jean-Baptiste Debret. Destacam-se aqui, para efeito de análise, os indígenas tidos como civilizados, os escravos de casas ricas e os negros libertos.

Palavras chave: Debret; indumentária; europeização.

Abstract: This study intends to reflect on the construction of the dressed appearance of an individual considered civilized in Brazil from the beginning of the nineteenth century, from the watercolors of the painter Jean-Baptiste Debret. Will be analyzed the natives considered as civilized, the slaves of rich houses and the freed blacks stand out.

Keywords: Debret; clothing; europeanization.

Introdução

A eleição de preceitos para determinar o quão civilizado é um sujeito mostra-se como um comportamento bastante antigo das sociedades ocidentais. No século VIII a.C., viveu Homero, um poeta da Grécia antiga. Num de seus principais poemas épicos, Odisseia, o protagonista e herói da Guerra de Troia, Odisseu, ao chegar a um lugar estranho na sua viagem de volta para casa, costumava se perguntar se os habitantes do lugar seriam civilizados ou não. Naquele contexto, ser civilizado implicava ser gentil com os estrangeiros e respeitar os deuses. Mas e no Brasil retratado por Debret? Quais costumes (no sentido lato da palavra) foram adotados com o intuito de construir o perfil de um indivíduo civilizado? Essa pesquisa baseia-se na produção artística e textual do pintor citado, atentando-se para o uso do vestuário e para o comportamento dos brasileiros que, de alguma maneira, ascenderam socialmente. Deseja-se, portanto, fazer interconexões entre os relatos dos viajantes estrangeiros, a

¹ Esse texto trata-se de uma síntese de minha monografia de conclusão de curso, apresentada em dezembro de 2016, na Faculdade SENAI CETIQT, no Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Artes Visuais com habilitação em figurino e indumentária.

produção escrita e iconográfica de Debret e os estudos de historiadores brasileiros que se dedicaram a pesquisar o Brasil dos oitocentos.

A indumentária mestiça

Em “Viagem pitoresca e histórica ao Brasil”, Debret inicia o segundo tomo com a classificação geral da população brasileira pelo seu grau de civilização. Essas categorias foram estabelecidas, segundo o pintor, pelo governo português. Seguem as onze denominações usadas na linguagem comum:

1. *Português* da Europa, português legítimo ou *filho do reino*.
2. *Português nascido no Brasil*, de ascendência mais ou menos longínqua, *brasileiro*.
3. *Mulato*, mestiço de branco com negra.
4. *Mameluco*, mestiço das raças branca e índia.
5. *Índio puro*, habitante primitivo; mulher, *china*.
6. *Índio civilizado*, *caboclo*, *índio manso*.
7. *Índio selvagem*, no estado primitivo, *gentil tapuia*, *bugre*.
8. *Negro de África*, *negro de nação*; *moleque*, *negrinho*.
9. *Negro nascido no Brasil*, *crioulo*.
10. *Bode*, mestiço de negro com mulato; *cabra*, a mulher.
11. *Curiboca*, mestiço de raça negra com índio (DEBRET, 2008, p. 103)

Debret se debruçou sobre a representação e o estudo de sociedades indígenas, às quais nomeava como tribos, dividindo-as de acordo com seu nível de civilidade. O pintor afirmou que a inteligência varia “sensivelmente dentro das próprias subdivisões de uma mesma raça e na medida de sua civilidade.” (DEBRET, 2006, p. 68) Assim, segundo essa classificação debretiana, os mandrucus e mongoiós foram considerados selvagens, os botocudos pouco civilizados, os puris, camacãs e coroados mais ou menos civilizados e os guaranis foram considerados civilizados ou, pelo menos, selvagens convertidos ao catolicismo. O orientalista inglês William Gore Ouseley, que esteve no Rio de Janeiro entre 11 e 25 de setembro de 1810, observou a esposa de um chefe botocudo e relatou:

Essa rainha brasileira, como a chamavam, foi trazida para o Rio de Janeiro a mando do príncipe regente, que desejava, por meios conciliadores, civilizar a raça dos canibais. As roupas que foram arranjadas para ela e para os dois filhos eram constantemente rasgadas por eles. A mãe selvagem, no entanto, não dispensava seu colar, feito de dentes humanos; sob os lábios, havia uma abertura muito extensa, um rasgo, com uma peça de madeira devidamente

encaixada, que pendia para a frente de maneira assaz desagradável.
(FRANÇA, 2013, p. 50)

É preciso ter em mente o caráter normativo desse tipo de relato, assim como das representações e classificações realizadas por Debret. Suas observações estavam bastante obedientes às concepções e anseios europeus da época, assim como à ideia de que tornar-se civilizado é um benefício recebido pelo selvagem.

Uma particularidade importante, indispensável a um cidadão civilizado, era ser evangelizado. Arrisca-se dizer que, muito provavelmente, é a partir da conversão ao catolicismo que o indígena e o negro conquistam a permissão de adotar uma conduta e uma aparência europeizadas. A seguir, um exemplo que figura essa discussão.

Figura 1: Índia Guarani civilizada a caminho da Igreja em trajes domingueiros



Fonte: DEBRET, 2008.

Ao analisar o traje da índia (Figura 1) em destaque, é preciso fazer algumas ressalvas para que esse olhar esteja devidamente contextualizado. Primeiramente, a cena não foi retratada num ambiente urbano e Debret já deixa claro no título que aquele é um traje domingueiro, só usado em ocasiões específicas e, provavelmente, sua melhor roupa. Além disso, o pintor sugere que essa índia pertence a uma família abastada.

A aldeia de São Vicente, perto da cidade de Rio Pardo, província de São Pedro do Sul, constitui-se igualmente de famílias desses índios

civilizados, que se dedicam com êxito à cultura da uva [...] Os guaranis proprietários, que têm o hábito de sair somente à cavalo, usam o rico costume hispano-americano. (DEBRET, 2008, p. 66)

Esse costume hispano-americano citado por Debret refere-se ao traje característico da região do Prata, portugueses ou espanhóis². Maria Beatriz Nizza da Silva (1993, p. 227) percebeu certo desenvolvimento na maneira de vestir das índias: “[...] primeiro, o simples vestuário cotidiano de camisa e saia de algodão grosso, de modo que nunca se vejam nuas nem rotas; depois uma camisa de linho e saia de alguma droga para domingo; mais tarde sua capa, lenço, fita de cabelo, sapatos ou chinelas.” A índia de Debret se encaixa, claramente, ao grau mais avançado dessa progressão vestimentária que segue um ideal europeu. Sua postura também denuncia isso. Ela enrola o leque em um lenço branco e o segura com as duas mãos, posando-as sobre o ventre.

O capotão ou carrick de cabeções é a sobreveste que pousa sobre os ombros da índia e que pode ser apontada em outras iconografias debretianas (“Interior de uma residência de ciganos” e “Um funcionário a passeio com sua família”, por exemplo). Nota-se que, de uma maneira geral, esse modelo é usado por mulheres da sociedade oitocentista que deixaram de pertencer a uma classe marginalizada, como a dos índios selvagens, por exemplo, e desejam o respeito merecido pelos “cidadãos civilizados”. No caso das mulheres, e principalmente das índias, essa insistência pelo resguardo do corpo acontecia para evitar que elas despertassem os desejos sexuais dos brancos³.

Figura 2: Interior de uma residência de ciganos



Fonte: ALENCASTRO; GRUZINSKI; MONÉNEMBO, 2001.

² Cf. SILVA, 1993, p. 228.

³ Cf. SILVA, 1993, p. 228.

Louis de Freycinet, que esteve no Brasil entre 6 de dezembro de 1817 e 29 de janeiro de 1818, observou os ciganos residentes no Rio de Janeiro e redigiu o seguinte comentário:

Dignos descendentes dos párias da Índia, de onde parecem ser originários, os ciganos do Rio de Janeiro cultivam, como aqueles, todos os vícios e são propensos a todos os crimes. A maioria deles dispõe de grandes riquezas e ostentam um luxo considerável em vestimentas e em cavalos – sobretudo quando comemoram suas núpcias, sempre muito suntuosas. (FRANÇA, 2013, p. 158)

A cigana da Figura 2 ostenta um capotão como o da índia guarani. Nota-se que a peça não é totalmente vestida. Ela pousa sobre o corpo de quem a usa. Esse detalhe nos permite entender que essas mulheres não estão envolvidas em pesados trabalhos braçais, conferindo a elas maior prestígio diante daquela sociedade.

Figura 3: Caboclas lavadeiras na cidade do Rio de Janeiro



Fonte: ALENCASTRO; GRUZINSKI; MONÉNEMBO, 2001.

Debret, autor da pintura acima, referia-se aos caboclos como trabalhadores indígenas semisselvagens⁴. Já Johann Moritz Rugendas, pintor bávaro que esteve no Brasil entre 1822 e 1825, fez uma leitura dos índios mansos ou civilizados muito parecida com o que Debret retratou. O pintor fez o seguinte registro:

⁴ Cf. DEBRET, 2008, p. 65.

A tentativa de juntar aos índios selvagens alguns índios já civilizados, ou da mesma tribo ou de tribos aliadas, parece ter dado bom resultado. Até agora, entretanto, os índios mansos não parecem diferir muito dos índios selvagens; usam, porém, pelo menos nas solenidades, calças largas e camisolas; alguns têm chapéu de palha. As mulheres possuem vestidos de chita de cores vivas; as cabanas são um pouco maiores e mais bem construídas (RUGENDAS, s/d, p. 179).

Destaca-se, aqui, uma observação feita por Debret ao descrever esta prancha. O pintor diz que os caboclos, “como os mulatos, adquirem facilmente os vícios da civilização” (DEBRET, 2008, p. 65). Podemos entender esses “vícios” como o processo de assimilação dos modos europeus pelas classes marginalizadas da população brasileira. O pintor parece considerar esse como o único, e sem volta, caminho a ser seguido.

A aparência que denuncia um novo status social

Figura 4: Negras livres vivendo de suas atividades



Fonte: ALENCASTRO; GRUZINSKI; MONÉNEMBO, 2001.

A prancha acima retrata ex-escravas nas ruas do Rio de Janeiro. O artista fez o seguinte registro sobre esse grupo:

[...] na classe das negras livres, as mais bem-educadas e inteligentes procuram logo entrar como operárias por ano ou só por dia numa loja de modista ou de costureira francesa, título esse que lhes permite conseguir trabalho por conta própria nas casas brasileiras, pois com o

seu talento conseguem imitar muito bem as maneiras francesas, trajando-se com rebuscamento e decência (DEBRET, 2008, p. 219).

Das três negras em destaque na pintura, podemos perceber que uma delas está mais próxima do “traje rebuscado e decente”, mencionado por Debret, do que as outras. Trata-se da negra à esquerda, aquela que apoia o pé direito no degrau da porta de entrada da casa de modas francesas. É notório, nessa negra liberta, o uso de meias brancas e a sobriedade das cores de sua vestimenta.

A inglesa Maria Graham, que esteve no Brasil entre os anos de 1821 e 1823, registrou em seu “Diário de uma viagem ao Brasil” o vestuário dos negros livres. Esse relato refere-se aos negros da cidade de Recife, mas nos permite refletir sobre as diferenças e semelhanças com a indumentária da então capital brasileira. Graham fez a seguinte descrição:

O vestuário dos negros livres é igual ao dos portugueses nativos da terra: jaqueta de linho e calças. Nos dias de cerimônia, uma jaqueta de pano e um chapéu de palha compõem tanto um negro como um cavalheiro branco. As mulheres em casa usam uma espécie de camisola que deixa demasiado expostos os seios. Quando saem usam ou uma capa, ou uma manta; esta capa é frequentemente de cores vivas. (GRAHAM, 1990, p. 137)

É preciso destacar que este processo civilizatório das classes marginalizadas do Brasil oitocentista não foi incorporado naturalmente na sociedade. Ao contrário. Negras vestindo-se como mulheres brancas e negros de cartola, sobrecasaca, luva e bengala eram vaiados por moleques, também negros, inconformados com esses sinais de renúncia à classe servil. O historiador Otávio Tarquínio de Sousa encontrou no jornal “Nova Luz Brasileira”, do Rio de Janeiro, de 9 de março de 1830 a seguinte publicação:

[...] se aparecia no teatro, em camarote, um “cidadão homem de cor, livre” entravam brancos e supostos brancos “a espirrar” - “uso de Portugal para insultar os pretos”, esclarece o jornal – e “a gritar fora preto, fora carvão, ao que se juntam assovios e algazarras. (FREYRE, 2004, p. 524)

Gilberto Freyre destaca que, práticas de incivilidade dessa espécie eram cometidas por frequentadores de teatros, gente da corte, que de maneira paradoxal se diziam altamente civilizados.

Considerações Finais

A historiografia do Brasil foi construída por meio de um olhar muito específico: o do colonizador. Para a feitura dessa construção, as narrativas dos viajantes estrangeiros tiveram um papel crucial. Os relatos de viagem devem ser, primeiramente, localizados num contexto. Quem os escreveu, quando, onde e para que público leitor eles estavam sendo redigidos. É importante salientar que o objetivo desses esclarecimentos não é desqualificar o que foi narrado pelos viajantes, e sim localizá-los em seus lugares de fala e afastar esses discursos de uma noção de verdade absoluta.

A evangelização, o processo civilizatório e a abertura dos portos às nações amigas estimularam o uso das modas europeias de maneira normativa, tentando equiparar os brasileiros aos europeus. Mas a “indumentária civilizada” permanece, muitas vezes, cheia de influências orientais, africanas e indígenas. Vimos que, apesar dessa imposição dos padrões europeus, havia alguns elementos do vestuário que eram restritos aos brancos. Assim como, alguns elementos marcavam os cidadãos que ascenderam socialmente.

Não é de hoje que o Brasil é um país mestiço. Mestiço nas cores, nos gostos, nas modas. Talvez esta seja uma característica constante aos países que foram colonizados: a mestiçagem. Europeias ostentando penteados enfeitados pelas penas de animais selvagens, mulheres indígenas envoltas em xales de tecidos orientais e negras de vestidos românticos à moda francesa. O fato é que todas essas misturas, por vezes cheias de incoerências, são temas encantadoramente propícios para se estudar.

Referências

ALENCASTRO; GRUZINSKI; MONÉNEMBO. **Rio de Janeiro, cidade mestiça**: nascimento da imagem de uma nação. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2008.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2010.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Viajantes estrangeiros no Rio de Janeiro joanino**: antologia de textos (1809 – 1818). Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Global, 2004.

GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A cidade e a moda**: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX. Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

RUGENDAS, Johann Moritz. **Viagem pitoresca através do Brasil**. São Paulo: Círculo do Livro S.A., s.d.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Vida privada e cotidiano no Brasil na época de D. Maria I e D. João VI**. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas**: a moda do século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.